

Tradução inclusiva e performativa: dossiê de um processo tradutório

Trupersa – Trupe de tradução
FALE-UFMG¹
trupersa.ufmg@gmail.com

ABSTRACT

In this paper, we intend to report the process of a translation proposal, developed from translation theoretical studies applied to dramatic texts from the V century B.C theater in Athens. Among many texts that are currently available, we chose the tragedy *Persians*, by the greek author Aeschylus. In the process, which happened in a seminar of Greek language and literature, where we did the instrumental translation in class and, *a posteriori*, individually, the students gave to the translation an established format with scenic and aesthetic concerns. Each student reports in this article his/her experience and his/her focus of interest; finally, we offer a translation tested by actors and directors and presented orally in class with a relative success.

KEYWORDS: translation theories; collective translation; poetic translation; *Persians*; dramatic text; Greek; Aeschylus.

O processo coletivo de tradução dos trezentos primeiros versos da peça *Persas*, do dramaturgo grego Ésquilo, realizado em um seminário de língua e literatura grega é nosso foco de reflexão.² Procuramos harmonizar prática tradutória e leituras teóricas durante os quatro meses de trabalho no qual nos envolvemos em pesquisa e estudo a partir de dois princípios básicos: os efeitos de uma tradução “são imprevisíveis e potencialmente contraditórios” e “determinados por muitos fatores culturais e sociais diferentes”.³ Assumimos, anuentes com Venuti, que a tradução alcançada pode destoar de alguns cânones eruditos; nesse caso, é bem provável que ela sofra repressão e até rejeição. Entretanto, se “cada tradução é tão única quanto o poema original”⁴ e, além disso, se ela é “uma re-escritura, noutra língua, de uma leitura do texto”⁵ o abono a uma ou outra forma gerada se dá por uma conformidade de valores. Por isso acreditamos que

¹ A Trupe de tradução Trupersa está, nesta performance escrita, assim constituída: Alexandre Magalhães - alexmagalhaesbh@gmail.com; Andréia Garavello - andreia.garavello@terra.com.br; Antônio Otávio Moura - aopmoura@dap.ufmg.br; Davi Robertson Baptista - a.englishclasses@gmail.com; Douglas Silva - douglas.two@gmail.com; Emerson Amaral - emersonamaral@gmail.com; Vanessa Ribeiro Brandão - va17@hotmail.com; o presente artigo foi orientado e dirigido por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa - virginiarb@yahoo.com.br.

² Apresentamos aqui uma metodologia de tradução que vem, paulatinamente, se desenvolvendo na Faculdade de Letras da UFMG. O trabalho teve início em 2006 com duas atrizes, leitoras de grego antigo, e um diretor de teatro sob a coordenação da professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. A meta foi a tradução do prólogo de *Eumênides*, de Ésquilo. Os resultados da pesquisa foram divulgados na revista *Cadernos de tradução*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, disponíveis em <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/1005/775>.

³ Cf. Venuti, L. *Escândalos da tradução. Por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 2002, p. 91.

⁴ Cf. Laranjeira, M. *Poética da tradução. Do sentido à significância*. São Paulo: Edusp, 2003, p. 39.

a experiência da tradução coletiva é válida no sentido de que representa várias leituras e, ao mesmo tempo, uma única. Não obstante as adversidades, demos início à nossa tarefa simplesmente pelo desejo de ver o texto grego encenado.

O primeiro impasse foi a escolha da edição a ser traduzida. Comparamos duas: a de Herbert Weir Smyth, Cambridge, 1926 – que pode ser encontrada em enciclopédias digitais, como *Wikipédia* e *Perseus digital library* –, e a de Gilbert Murray, de 1955, autorizada por Oxford e que pode ser encontrada no arquivo público *Thesaurus linguae Graecae*. Conferimos verso a verso as duas edições e percebemos que ambas são muito semelhantes. Assim, optamos pela edição de Smyth, por ser uma edição pertencente ao domínio público, o que nos isenta dos direitos autorais, e por guardar um nível de qualidade altamente satisfatório.

Também buscamos alguns dos melhores tradutores e teóricos antes de começar. Vimos que, de acordo com Max Bense, via Haroldo de Campos⁶ existem diversas informações num texto: a estética, a semântica e a documentária. Segundo esses autores, o texto traduzido poderia possuir uma dessas três informações ou, em casos mais bem-sucedidos, mais de uma, em camadas diferentes. Na prática, portanto, traduzir seria uma atividade capaz de recuperar somente parte da informação e, para a tristeza geral, como tem sido regular acontecer, a principal perda nessa atividade ameaça ser aquela que se refere à estética do texto, que é, a um só tempo, delicada e ardua. Logo, não cabe ao tradutor “conseguir dizer” aquilo que o autor “quis dizer”, mas escolher e, na escolha, realizar (indicar e sugerir) algo semelhante àquilo que o autor fez.⁷ Ou, revisitando Jorge Luís Borges:

Tivesse o poeta dito isso literalmente, teria sido bem menos eficaz. Porque, no meu entender, qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz do que qualquer coisa apreçoada... Mas quando algo é simplesmente dito ou – melhor ainda – insinuado, há uma espécie de hospitalidade em nossa imaginação. Estamos dispostos a aceitá-lo.⁸

⁵ Cf. Laranjeira, *op. cit.*, p. 30.

⁶ Cf. de Campos, H. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. (org.). *Metalinguagem & outras metas. Ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 32.

⁷ Cf. Laranjeira, *op. cit.*, p. 30.

⁸ Cf. Borges, J.-L. A metáfora. In: Mihailescu, C.-A. (org.). *Esse ofício do verso*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 40.

Transmitir, além das informações que se julgam mais importantes, a informação estética de um texto para um outro em uma língua muito diferente – como é o caso, do português para o grego – seria uma tarefa destinada apenas aos poetas? Há diferenças não só na língua (pela tonicidade, ritmo e métrica baseada em sílabas breves e longas), mas também em determinados padrões espaciais e temporais. O que nos resta, a nós que não estamos no patamar de Ésquilo? A contrapelo dos grandes estudiosos mencionados e correndo o risco prenunciado por Venuti, ousamos não acreditar completamente em tal preceito – a perda da informação estética – no projeto alentado. Postulamos que o texto traduzido proporciona elementos para a transmissão de informações estéticas outras, porque, apesar das diferenças e do trabalho de criação pessoal, o estético se transmite, ao menos em poesia, via meios pré-estabelecidos (ou por quebras de padrões) que acabam por funcionar de modos variados, mas correspondentes.

Ezra Pound, em seu *ABC of Reading*,⁹ afirmou que, dentre as línguas que conhecia, a que mais lhe parecia possuir capacidade melopáica, a saber, meios para a utilização da sonoridade natural das palavras com um fim estético, era a grega. De Homero (Pound afirma: “eu nunca li meia página de Homero sem encontrar uma invenção melódica”)¹⁰ a Calímaco (e seu famoso epigrama 28, o do *kalós kalós* que é respondido pelo eco num *állos*), passando obviamente por Safo (*méte mói mélo, méte méliSSa*), toda a poesia helênica utiliza o som como ferramenta básica na construção poética, a começar pela riqueza métrica (ritmo também é som), caráter dessa poesia desde seus primórdios.

E Ésquilo, poeta em todos os sentidos, não poderia ser diferente. Suas tragédias têm como preocupação constante a sonoridade, que reflete, explícita ou sutilmente, informações que escapam da puramente semântica:

A poesia supera e suplanta o indizível por sua capacidade intrínseca de gerar sentidos não-referenciais, afastando-se da mimese em benefício da semiose, rompendo a linguagem técnica através do processo de significância. Já que a poesia é responsável, muitas vezes, por dizer o não-dito.¹¹

⁹ Cf. Pound, E. *ABC of Reading*. London: Faber & Faber, 1991, p. 43.

¹⁰ Cf. Pound, *op. cit.*, p. 43: *I have never read half a page of Homer without finding melodic invention.*

¹¹ Cf. Laranjeira, *op. cit.*, p. 24.

Neste sentido, a poeticidade do texto reside numa relação geradora de sentidos. Traduzir o poema é trabalhar a língua de chegada para se obter uma relação semelhante em nível de significantes que acarretará uma significância correlata à do poema original. De fato, em boa parte das traduções, essa informação estética sonora se perde em nome de uma tradição de leitura que sempre encarou o teatro como peça literária e que concretizou tal ideia em paráfrases tradutórias.

Some-se a isso que Ésquilo é um mestre do pitoresco. Seus personagens são criaturas coloridas, muitas delas sobrenaturais, orientais ou bárbaras e suas falas são abundantes em metáforas, provocando um agradável exercício do nosso imaginário. Tomemos, a título de exemplo, algumas metáforas que descrevem os persas e sua relação com o rei Xerxes. Elas, de forma imprecisa e quase borgiana, reportam (e enaltecem) à transformação da *pólis* grega, de antigos ideais e de deuses aristocráticos para os ideais e a força democráticos. Estão relacionadas, em geral, à vida animal e a uma crua brutalidade. O poeta toma um caminho banal, do senso comum, indicado por Aristóteles, em *História dos animais* (livro III, 488a)¹² e define, tal como o filósofo, os persas – homens que são – como animais gregários, porque vivem organizados em grupos, da mesma maneira que a formiga, a abelha e o grou. Espera-se, todavia, para o homem, por excelência político, desempenho melhor. Ele, que possui o *lógos*, a capacidade da linguagem, de expressar o sentimento de dor e alegria, manifestar o certo e o errado, o justo e o injusto, deve se comportar de forma distinta. Assim, Ésquilo, ao afirmar que “um jugo lançado no pescoço do mar/ o audaz príncipe da Ásia de muitos homens/ desata sobre toda a terra/ um rebanho divino” (v. 72-75) e ao comparar os guerreiros persas a um “enxame de abelhas” (v. 128), evidencia um tratamento de massa por parte do rei aos seus súditos; retoma a submissão – condenável para homens gregos

¹² Cf. Aristóteles. *História dos animais*, I. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: INCM, 2006, p. 56: *Atentemos agora nas diferenças de modo de vida e de actividade. Há animais que vivem em grupo e outros solitários, sejam eles do tipo que marcha, voa ou nada; outros ainda adoptam qualquer um destes dois modos de vida. Entre os que vivem em grupo como entre os solitários, uns têm instinto gregário, outros individualista. Das aves que vivem em grupo podemos referir a família dos pombos, o grou e o cisne (as rapinas nunca são gregárias); entre os que nadam, muitas espécies de peixes, por exemplo os chamados migradores, os atuns, as sereias e os bonitos. O homem pertence aos dois tipos. O instinto social é próprio dos seres que se mobilizam todos para uma actividade comum, o que nem sempre acontece com os gregários. Estão neste caso o homem, a abelha, a vespa, a formiga e o grou. De entre eles há os que obedecem a um chefe, como os grou e as abelhas; há também os que, como as formigas e milhares de outros seres, não têm chefe. Quer os animais gregários como os que levam uma vida solitária ou são sedentários ou se deslocam.*

– de meros animais em absoluta subserviência à tirania de um soberano ambicioso e arrogante; e enaltece o sistema democrático, a liberdade e identidade helênica, o solo e as próprias raízes do passado, bem como, no âmbito do sagrado, os próprios deuses ao invés da divinização de um rei-comandante. Nesse sentido, traduzir *Os Persas* de Ésquilo levando em consideração o que tantos desconsideram, como as funcionalidades sonora, metafórica e teatral, foi um desafio considerável, sobretudo porque o fazíamos de forma coletiva (e intencionalmente democrática, nos moldes helênicos).

Retomando, um teatro como o grego, conhecido há séculos e tradicionalmente traduzido como “literatura” dramática, carrega, já de antemão, o peso dessa característica que estabelece para ele um padrão de tradução, a nosso ver, diverso em sua intenção essencial dos dramaturgos áticos.

Começemos pelo campo do enunciado oral, que deve funcionar publicamente para ser *visto*.¹³ Anular a fineza sonora é criminoso. Como simplesmente ignorar o grito poético da seguinte fala do coro?

Χορός
† ἀνὶ ἄνια κακὰ †
νεόκοτα καὶ δαί' αἰαί,
διαίνεσθε, Πέρσαι,
τόδ' ἄχος κλύοντες.
(v. 256-259)

CORO
ἀνὶ ἄνια κακὰ
neókota kaí daí': Aiai,
diáinesthe, Pérsai,
tód' ákhos klýontes.

Seria impossível reproduzir tal passagem graças às barreiras linguísticas já afirmadas por Bense. A complexidade da tradução poética intimida o tradutor. No caso, o problema se relaciona ao significado além dos signos linguísticos. Mas permanecer nesse ponto seria simplesmente desistir de traduzir qualquer texto que nos fosse apresentado e mais, desacreditar até mesmo daquelas traduções que consideramos de qualidade; a grande peleja foi tentar recuperar o máximo possível da informação buscando atingir o nível de geração interna dos sentidos.¹⁴

Na parte citada, o texto, em forma e conteúdo, é uma coisa só; por conseguinte, trata-se de uma fala *completamente poética*: um lamento. O poeta faz uma escolha sintático-sonora que simula um choro derramado, aberto em vogais claras e consoantes

¹³ Trata-se mesmo de *ver* as palavras, de assistir ao som como um espetáculo que tem som, matéria, cor e brilho próprios.

¹⁴ Cf. Laranjeira, *op. cit.*, p. 12.

oclusivas guturais e dentais que geram um efeito soluçante. É impossível não desejar manter essa beleza numa tentativa de reprodução dessa construção em vernáculo. Optamos pelo colorido oposto, o fechamento da vogal e o vibrato de “erres” misturados a oclusivas dentais e labiais:

Horror! Horror! Notícia de dor
e terror! Ô! Ô!
Ao choro, povo persa,
pelo anúncio avassalador.

A sonoridade não é a mesma, mas tentou-se recuperar não somente a propriedade fonética de cada palavra, mas inseri-la dentro de um contexto teatral. A nova possibilidade que a reprodução de um lamento daria à cena ganha o fluxo de um derramamento plangente pela consoante vibrante, velar, sonora “r”, pela fricativa palatal surda “ch”, pela vogal “o” tônica e oral privilegiada, que tem valor interjetivo para exprimir a emoção de um queixume. Se a cena malogra quanto à exibição espantosa de um choro, tentaremos recuperá-la em outros trechos mais favoráveis; está registrado na concepção criadora da equipe que “os persas deverão ser espalhafatosos na elocução de seu lamento, sempre que possível” e, se a tradução trai o texto original, no que diz respeito a um comportamento não-verbal de lamento, ela recupera os aspectos mencionados, os quais julgamos análogos à estética da perda pranteada.

Tudo isso foi perseguido porque, insistimos, as peças a que nos referimos não eram escritas para leitura em público pelos atores, ou, silenciosamente, por solitários. Ésquilo, Sófocles e Eurípides programavam para seus textos um espetáculo com toda a semiótica teatral que fosse necessária, de modo que o texto corporificado pudesse ser visto, ouvido e experienciado em um espaço específico onde compareciam milhares de pessoas, artistas sofisticados, religiosos e gente comum. Este fato histórico, de suma importância, não deveria jamais ser ignorado no ato da tradução.

O que, infelizmente, acontece quando “lemos” traduções literárias de teatro grego? Sem dúvida, algumas traduções são belíssimas, no entanto elas próprias fornecem argumentos para diretores, encenadores e atores se permitirem, sem pejo, inúmeras “adaptações e mutilações” desses textos para a cena. Com razão argumenta-se: “o teatro grego não pode ser encenado ou entendido, o texto é pesado, pouco dramático e inadequado para um público intelectualmente despreparado”. Esbarramos, antes de

qualquer coisa, no propósito dessas traduções, feitas por acadêmicos, objetivando, quase exclusivamente, os leitores da própria academia. Esse tipo de tradução é a que predomina no Brasil. Para exemplificar, analisaremos, a seguir, dois tipos de tradução propostos por Venuti, apontando-os nas duas traduções brasileiras mais famosas de *Persas* e mostrando o que de útil pôde ser retomado daqueles e qual é nossa proposta. Focalizaremos dois tipos de tradução: aquela que se pauta pela precisão linguística e a que busca, acima de tudo, o efeito estético literário.

1. A tradução filológica:

Quando a tradução não é simplesmente ignorada, é provável que seja reduzida por completo à precisão linguística, especialmente pelos acadêmicos de língua estrangeira que reprimem o resíduo doméstico que qualquer tradução libera, e assim recusam-se a considerá-la como transmissora de valores literários na cultura-alvo.¹⁵

Ainda assim, esse tipo de tradução erudita – que não exclui também uma preocupação estética razoável – é vantajosa e útil por sua fidelidade ao texto original. Ela ensina, esclarece e interpreta o pensamento antigo. Ela guarda uma beleza grave e requintada; deixa a desejar, contudo, por não ser bem compreendida pelo público não-acadêmico, o brasileiro comum.

2. A tradução de efeito literário beletrística:

Quando os textos do cânone acadêmico das literaturas estrangeiras são traduzidos por não-especialistas os acadêmicos das línguas cerram fileiras e assumem uma atitude de não-se-meta-no-meu-caminho. Eles corrigem erros e imprecisões em conformidade com padrões e interpretações eruditos, excluindo outras leituras possíveis do texto estrangeiro e outros públicos possíveis: por exemplo, as traduções beletrísticas que podem negligenciar a precisão em favor do efeito literário de forma a alcançar um público-leitor comum com valores diferentes.¹⁶

Sem dúvida, a vantagem dessa tradução é a possibilidade de alcançar um público não-acadêmico, mas, algumas vezes, suprime versos quase inteiros e, outras vezes,

¹⁵ Cf. Venuti, *op. cit.*, p. 67.

¹⁶ Cf. Venuti, *op. cit.*, p. 68-69.

acrescenta diversas palavras não existentes no texto original, ocasionando, geralmente, uma tradução bem mais extensa que o texto original. Outro problema deste tipo de tradução é que tendem a ser literárias, não-teatrais e, muitas vezes, como afirmamos, esses textos são utilizados por diretores que inserem e retiram versos visando à encenação de um texto que “julgam” ser literário. Parece, todavia, que há algo perverso e um pouco cômico neste processo, uma vez que o teatro grego é transformado em literatura e esta é, por sua vez, transformada em teatro. Não é difícil perceber que é grande a distância entre a peça escrita em grego para ser encenada e a peça adaptada a partir de uma tradução de cunho literário. Podemos dizer que o teatro grego encenado hoje é praticamente tradução de uma tradução, ou simulacro de um simulacro.

Considerando-se o que até aqui foi dito, buscamos conciliar os tipos de tradução mencionados com o fator teatral de *Persas* em nossa tradução. Assim, levamos em conta três fatores: o público-alvo (expectadores de todos os gêneros e nível de escolaridade), a precisão linguística, o efeito teatral (já que não estamos trabalhando com um texto puramente literário, mas também performático).

O principal deles é exatamente o menos observado nos que privilegiam a precisão linguística: pessoas não-eruditas devem ser capazes de entender a história sem que precisem recorrer ao dicionário, pois estarão em um espetáculo teatral. Com isso em mente, preferimos termos mais familiares em português, conforme mostrado abaixo:

	Trupersa	Jaa Torrano:
ἀμφὶ δὲ νόστῳ τῷ βασιλείῳ καὶ πολυχρύσου στρατιᾶς ἤδη κακόμαντις ἄγαν ὀρσολοπείται θυμὸς ἔσωθεν. v. 8-11	Mas, quanto ao regresso do rei e ao mui dourado exército, inda agora o peito, profeta de desgraças, tanto me agita no íntimo.	Ao pensar no regresso do rei e do multiáureo exército, já um maligno pressago ímpeto sobressalta íntimo
πεπέρακεν μὲν ὁ περσέπτολις ἤδη βασιλείου στρατὸς εἰς ἀν- τίπορον γείτονα χώραν, v. 65-67	Atravessou... assolador de cidades, o real exército, pela porta oposta na terra vizinha	O turrífrago exército do rei já transpôs a fronteira terra vizinha

A tradução de Torrano é louvável e exata por fazer a correspondência de um por um (a cada termo grego um termo em português), como, por exemplo: πολυχρύσου por multiáureo, e περσέπτολις por turrífrago. Vê-se nela a precisão e concisão gregas,

porém ele utiliza termos eruditos e pouco acessíveis a um público espectador mediano. A correção, a adequação lexical, a manutenção da ordem das palavras, considerando-se o entendimento do que não tinha correspondentes no português, foram bastante bem-sucedidos, entretanto sua leitura, à primeira vista, para público desavisado, não é eficaz.

Passemos a um outro trecho:

	Trupersa	Mário da Gama Kury
ἐπὶ πᾶσαν χθόνα ποιμα- νόριον θεῖον ἐλαύνει διχόθεν, πεζονόμον τ' ἔκ τε θαλάσσας, ἐχυροῖσι πεποιθῶς στυφελοῖς ἐφέταις, χρυ- σογόνου γενεᾶς ἰσόθεος φῶς. v. 74-80	desata sobre toda a terra um rebanho divino em dupla via, por terra e por mar. Fortes prevalecem com severos juízes, raça da chuva dourada, divina luz.	levou por duas rotas diferentes o seu rebanho humano incalculável, disposto a conquistar o mundo inteiro. Para guiar o exército e a frota. O descendente da chuva de ouro, mortal igual ao deuses

À primeira vista nem parece ser o mesmo texto, porque Gama Kury, apesar de utilizar termos de fácil compreensão ao público em geral, acrescenta versos e sentenças inteiras para explicar o sentido do que existe condensado no texto grego.

Buscamos, assim, na medida de nossas capacidades, conciliar precisão linguística, recuperação estética e efeito teatral (o terceiro fator a ser exemplificado) sem desconsiderar o público-alvo. Fomos constrangidos a inversões para melhorar a sonoridade e ordem das palavras e alcançar uma sintaxe mais imediata para a compreensão do texto em português, atendendo aos supostos espectadores brasileiros multinivelados.

ἄβροδιαίτων δ' ἔπεται Λυδῶν
ὄχλος, οἳ τ' ἐπίπαν ἠπειρογενὲς
κατέχουσιν ἔθνος, τοὺς Μητρογαθῆς
Ἄρκτεὺς τ' ἀγαθός, βασιλῆς δίοποι,
καὶ πολύχρυσοι Σάρδεις ἐπόχους
πολλοὺς ἄρμασιν ἐξορμῶσιν¹,
δίρρυμα τε καὶ τρίρρυμα τέλητ,
φοβερὰν † ὄψιν † προσιδέσθαι.
στεῦται† δ' ἱεροῦ Τμώλου πελάται
ζυγόν² ἀμφιβαλεῖν³ δούλιον Ἑλλάδι,
v. 41-50

De vida mansa se ajunta a legião 41
lídia, eles que sobretudo as etnias
continentais governam, Metrogates
e belo Arcteu, reis vigias
e a polidourada Sardes *enviam*¹ os montados
nos muitos carros
de duplo e triplo-eixo completos
medonha cena a ser vista.
Ameaçam os vizinhos do santo Tmolo
*lançar*³ *jugo*² escravo à Grécia,

βασίλεια δ' ἐμή προσπίτνω
καὶ προσφθόγγοις¹ δὲ χρεῶν² αὐτὴν³
πάντας⁴ μύθοις⁵ προσσaudᾶν⁶.
v. 152-154

Rainha minha, eu me curvo
E com *palavras*⁵ *acolhedoras*¹
*todos*⁴ *devem*² *saudá-la*³.

Os números sobrescritos nas palavras indicam as correlações entre as traduções. Entendemos que, para o nosso propósito, não bastava a precisão nem as facilidades de compreensão pela paráfrase; queríamos que o texto funcionasse como teatro em linguagem de comunicação imediata. Chegamos ao resultado abaixo, o qual submetemos a uma encenação. Eis os versos de 1-299, baseados em texto grego da edição de Smyth (Cambridge, 1926).

ΠΕΡΣΑΙ		PERSAS	
Χορός		CORO:	
Τάδε μὲν Περσῶν τῶν οἰχομένων		Isto aqui – dos persas que se foram	
Ἑλλάδ' ἐς αἶαν πιστὰ καλεῖται,		contra a terra grega – chamam fiéis,	
καὶ τῶν ἀφνεῶν καὶ πολυχρύσων		das ricas e mui douradas	
ἑδράνων φύλακες, κατὰ πρεσβείαν		sedes somos guardas... por velhice...	
οὓς αὐτὸς ἀναξ Ξέρξης βασιλεὺς	05	que o próprio rei Xerxes soberano	05
Δαρειογενῆς		filho de Dario	
εἴλετο χώρας ἐφορεῖν.		escolheu para velar a terra.	
ἀμφὶ δὲ νόστῳ τῷ βασιλείῳ†		Mas, quanto ao regresso do rei	
καὶ πολυχρύσου στρατιᾶς ἤδη		e ao mui dourado exército, inda agora	
κακόμαντις ἄγαν ὀρσολοπέεται	10	o peito profeta de desgraças	10
θυμὸς ἔσωθεν.		tanto me agita no íntimo.	
πᾶσα γὰρ ἰσχὺς Ἀσιατογενῆς		Pois partiu toda a força gerada na Ásia	
ᾧχωκε, νέον δ' ἄνδρα βαύζει,		e ele gane por um novo homem...	
κοῦτε τις ἄγγελος οὔτε τις ἵππευς		nem um mensageiro, nem um cavaleiro	
ἄστῳ τὸ Περσῶν ἀφικνεῖται†	15	à capital dos persas chega;	15
οἶτε τὸ Σουσῶν ἠδ' Ἀγβατάνων		e eles de Susa e de Ecbátana	
καὶ τὸ παλαιὸν Κίσσιον ἔρκος		mais a antiga muralha císsia	
προλιπόντες ἔβαν, τοὶ μὲν ἐφ' ἵππων†		deixando, partiram uns sobre cavalos	
τοὶ δ' ἐπὶ ναῶν, πεζοὶ τε βάδην		outros sobre navios, e marchando sobre os pés	
πολέμου στίφος παρέχοντες†	20	formam uma tropa de combate.	20
οἶος Ἀμίστρης ἠδ' Ἀρταφρένης		Dentre eles Amístres, Artafrenes	
καὶ Μεγαβάτης ἠδ' Ἀστάσπης,		e Megabates e ainda Astaspes,	
ταγοὶ Περσῶν,		comandantes dos Persas,	
βασιλῆς βασιλέως ὑποχοὶ μεγάλου,		reis submissos ao grande Rei,	
σοῦνται, στρατιᾶς πολλῆς ἐφοροί,	25	comandantes de numerosas hostes,	25
τοξοδάμαντες τ' ἠδ' ἵπποβάται,		uns archi-arqueiros, outros cavaleiros,	
φοβεροὶ μὲν ἰδεῖν, δεινοὶ † δὲ μάχην †		temíveis de ver, terríveis nas batalhas,	
ψυχῆς εὐτλήμονι δόξῃ†		de alma com inquebrantável opinião;	
Ἀρτεμβάρης θ' ἵππιόχαρμης		Artembares luta do carro	
καὶ Μασίστρης, ὃ τε τοξοδάμας	30	e Masistres arqueiro e o	30
ἔσθλος Ἰμαῖος, Φαρανδάκης θ',		nobre Imeu e Farandaques,	
ἵππων τ' ἐλατήρ † Σοσθάνης†		e o comandante de cavalos Sostanes	
ἄλλους † δ' ὁ μέγας καὶ πολυθρέμμων		e outros o grande e fecundo	
Νεῖλος ἔπειμψεν † Σουσισκάνης †,		Nilo enviou: Susiscanes,	
Πηγασταγῶν † Αἰγυπτογενῆς †,	35	Pegastagon, filho do Egito	35
ὃ τε τῆς ἱερᾶς † Μέμφιδος † ἀρχῶν †		e o príncipe da sagrada Mênfis	
μέγας Ἀρσάμης, τὰς τ' ὠγυγίους		grande Arsames; o governante	
Θήβας † ἐφέπων Ἀριόμαρδος,		da ancestral Tebas Ariomardos	
καὶ ἔλειοβάται ναῶν ἐρέται		e nos brejos... remadores de barcos...	
δεινοὶ πλήθος τ' ἀνάριθμοι†	40	terríveis turbas incontáveis.	40
ἄβροδιαίτων δ' ἔπεται Λυδῶν		De vida mansa se ajunta a legião	
ὄχλος, οἱ τ' ἐπίπαν ἠπειρογενῆς		lídia, eles que sobretudo as etnias	
κατέχουσιν ἔθνος, τοὺς Μητρογαθῆς		continentais governam, Metrogates	
Ἀρκτεὺς τ' ἀγαθός, βασιλῆς δίοποι,		e belo Arcteu, reis vigias	
		e a polidourada Sardes enviam os montados	45

καὶ πολύχρυσοι Σάρδεις ἐπόχους πολλοῖς ἄρμασιν ἐξορμῶσιν, δίρρυμά τε καὶ τρίρρυμα τέλη, φοβερὰν ὄψιν προσιδέσθαι. στεύται δ' ἱεροῦ Τιμῶλου πελάται ζυγὸν ἀμφιβαλεῖν δούλιον Ἑλλάδι, Μάρδων, Θάρυβις, λόγχης ἀκμονες, καὶ ἀκοντισταὶ Μυσοί· Βαβυλῶν δ' ἢ πολύχρυσος πάμμικτον ὄχλον πέμπει σὺρδην, ναῶν τ' ἐπόχους καὶ τοξουλκῶ λήματι πιστούς· τὸ μαχαιροφόρον τ' ἔθνος ἐκ πάσης Ἀσίας ἔπεται δειναῖς βασιλέως ὑπὸ πομπαῖς. τοιόνδ' ἀνθος Περσίδος αἴας οἴχεται ἀνδρῶν, οὗς περὶ πάσα χθῶν Ἀσιῆτις θρέψασα πόθω στένεται μαλερῶ, τοκέες τ' ἄλοχοί θ' ἡμερολεγδὸν τείνοντα χρόνον τρομερονται. πεπέρακεν μὲν ὁ περσέπτολις ἤδη βασιλεῖος στρατὸς εἰς ἀν- τίπορον γείτονα χώραν, λινοδέσμῳ σχεδία πορθ μὸν ἀμείψας Ἀθαμαντίδος Ἑλλάς, πολύγομφον ὄδισμα ζυγὸν ἀμφιβαλῶν ἀυχένη πόντου. πολυάνδρου δ' Ἀσίας θούριος ἄρχων ἐπὶ πάσαν χθόνα ποιμα- νόριον θεῖον ἐλαύνει διχόθεν, πεζονόμον τ' ἐκ τε θαλάσσης,	45 50 55 60 65 70 75	nos muitos carros de duplo e triplo-eixo completos! Medonha cena a ser vista! Ameaçam, os vizinhos do santo Tmolo lançar jugo escravo sobre Grécia, Mardo e Taribis, de lança incansável, e os mísios lança-dardos; e a Babilônia polidourada envia uma turba misturada em fila, e os montados nas naves e os que confiam na tensa intenção do arco. Com cimitarra, povos de toda Ásia vêm sob a terrível companhia do rei. Tal flor da terra persa parte... dentre os homens pelos quais todo chão Asiático que os nutriu com desejo veemente geme, pais e esposas a contar os dias, esticando o tempo tremem. Atravessou... assolador de cidades, o real exército, pela porta oposta na terra vizinha, da trama de barcos uma via cruzando o estreito grego Atamantida. Caminho muito articulado Um jugo lançado no pescoço do mar. o audaz príncipe da Ásia de muitos homens desata sobre toda a terra um rebanho divino em dupla via, por terra e por mar.	50 55 60 65 70 75
ἔχυροῖσι πεποιθῶς στυφελοῖς ἐφέταις, χρυ- σογόνου γενεᾶς ἰσόθεος φῶς. κυάνεον δ' ὄμμασι λεύσσω φονίου δέργμα δράκοντος, πολύχειρ καὶ πολυναύτας, Σύριον θ' ἄρμα δικῶκων, ἐπάγει δουρικλύτοις ἀν- δράσι τοξόδαμον Ἄρη. δόκιμος δ' οὐτίς ὑποστάς μεγάλῳ ρεύματι φωτῶν ἐχυροῖς ἐρκεσιν εἰργεῖν ἀμαχὸν κύμα θαλάσσης· ἀπρόσοιστος γὰρ ὁ Περσῶν στρατὸς ἀλκιφρῶν τε λαός. θεοθεν γὰρ κατὰ Μοῖρ ἐκράτησεν τὸ παλαι- όν, ἐπέσκηψε δὲ Πέρσαις πολέμους πυργοδαίκτους διέπειν ἵππιοχάρμας τε κλόνας πόλεων τ' ἀναστάσεις. ἔμαθον δ' εὐρυπόροιο θαλάσσης πολιαι νομένας πνεύματι λάβρω ἔσορᾶν πόντιον ἄλσος, πίσυνοι λεπτοδόμοις πεί- σασσι λα- οπόροις τε μαχαναῖς. δολομητιν δ' ἀπάταν θεοῦ	80 85 90 95 100 105	Fortes, prevalecem com severos juízes, raça da chuva dourada, divina luz. E um profundo azul fitando com olhos, uma sangrenta visão de dragão, muita mão, muito remo, um carro Sírio acelerado conduz um Ares flecheiro contra homens lanceiros. De fato, ninguém se impõe ao grande fluxo de luz... é como deter com duros muros a incansável onda do mar... pois imbatível é o exército persa e o povo de peito ardoroso. De um deus, a Moira decretou, há muito... e impôs aos Persas combates arrasadores arranjar, e, ao piloto, tumultos na cidade insurgir. Aprenderam do oceano de amplo caminho luzido no sopro furioso a olhar um bosque no mar fiados em finos nós que servem como passagens mecânicas. Mas da dolosa fraude de um deus	80 85 90 95 100 105

τίς ἀνὴρ θνατὸς ἀλύξει; τίς ὁ κραιπνῶ ποδὶ πήδη- μα τόδ' εὐπετῶς ἀνάσσω; φιλόφρων γὰρ παρασαίνει βροτὸν εἰς ἄρκυας Ἄτα, τόθεν οὐκ ἔστιν ὑπερθέν νιν ἀνατον ἐξαλύξαι.	110	qual homem perecível escapa? Qual o que firme no pé, com passada ágil, esquiva?	110
ταῦτά μοι μελαγχίτων φρὴν ἀμύσσειται φόβῳ, ᾧ, Περσικοῦ στρατευματος τούδε, μὴ πόλις πύθη- ται κενανδρον μέγ' ἄστῳ Σουσίδος, καὶ τὸ Κισσίων πόλισ' ἀντίδουπον ἄσεται, ᾧ, τοῦτ' ἔπος γυναικοπλη θῆς ὄμιλος ἀπύων, βυσσίνοις δ' ἐν πέπλοις πέση λακίς.	115	Pois a ilusão amiga, sedutora atrai o mortal para redes de onde não é dado a ele ileso escapar. Por estas coisas em mim negro manto no âmago é dilacerado pelo medo ôa campanha da Pérsia! Desta, a cidade não tenha notícia – vazia de machos – a mega torre de Susa e que pela capital da Císsia ecoe os cantos ôa! Esta palavra, um bando de fêmeas clamando, reunidas...	115
βυσσίνοις δ' ἐν πέπλοις πέση λακίς. πᾶς γὰρ ἰππηλάτας καὶ πεδοστιβῆς λεῶς σμῆνος ὥς ἐκλέλοιπεν μελισ- σᾶν σὺν ὀρχάμῳ στρατοῦ,	120	e que no linho das vestes recaia um rasgo, Pois todo cavaleiro e povo marchador como um enxame de abelhas foi-se junto ao capitão do exército ligando e atravessando ambas as pontas pelo mar... para uma terra comum...	120
τὸν ἀμφίζευκτον ἐξαμείψας ἀμφοτέρας ἄλιον πρῶνα κοινὸν αἴας. λέκτρα δ' ἀνδρῶν πόθῳ πίμπλαται δακρύμασιν' Περσίδες δ' ἀβροπενθεῖς ἑκά- στα πόθῳ φιλάνορι τὸν αἰχμάνετα θούρον εὐνα- τῆρ' ἀποπεμψαμένα λειπεται μονόζυξ. ἄλλ' ἄγε, Πέρσαι, τόδ' ἐνεζόμενοι στέγος ἀρχαίου,	125	e que no linho das vestes recaia um rasgo, Pois todo cavaleiro e povo marchador como um enxame de abelhas foi-se junto ao capitão do exército ligando e atravessando ambas as pontas pelo mar... para uma terra comum... E com desejo os leitos dos machos se enchem de lágrimas! Nas persas um pranto macio cada uma com desejo afetuoso do lanceiro feroz. A que despediu o marido, é deixada sozinha. Mas vá, persas!	125
φροντίδα κεδνήν καὶ βαθύβουλον θώμεθα, χρεῖα δὲ προσήκει, πῶς ἄρα πράσσει Ξέρξης βασιλεὺς Δαρειογενῆς, τὸ πατρωνύμιον γένος ἡμέτερον' πότερον τόξου ῥύμα τὸ νικῶν, ἢ δορικράνου λόγῃς ἰσχύς κεκράτηκεν.	130	sentemos neste teto ancestral para que um pensar confiante e profundo mostremos, pois a demanda se aproxima Como então age o rei Xerxes filho de Dario patrono de nossa raça? Qual vence? O arco tenso ou a cabeça do bronze? A força da lança terá triunfado? Mas eis que uma luz igual à dos deuses aos olhos avança, a mãe do rei, rainha minha. Eu me curvo. E, com palavras acolhedoras, todos devem saudá-la.	130
ἄλλ' ἦδε θεῶν ἴσον ὄφθαλμοῖς φάος ὀρμάται μήτηρ βασιλέως, βασιλεία δ' ἔμη' προσπίτνω καὶ προσφθόγγοις δὲ χρεῶν αὐτῆν πάντας μύθοισι προσσῶδᾶν. ὦ βαθυζῶνων + ἀνάσσα Περσίδων ὑπερτάτη, 155 μητὲρ ἢ Ξέρξου † γεραία †, χαῖρε †, Δαρείου γύναι· θεοῦ μὲν εὐνάτειρα Περσῶν, θεοῦ δὲ καὶ μήτηρ ἔφως,	135	Nas persas um pranto macio cada uma com desejo afetuoso do lanceiro feroz. A que despediu o marido, é deixada sozinha. Mas vá, persas! sentemos neste teto ancestral para que um pensar confiante e profundo mostremos, pois a demanda se aproxima Como então age o rei Xerxes filho de Dario patrono de nossa raça? Qual vence? O arco tenso ou a cabeça do bronze? A força da lança terá triunfado? Mas eis que uma luz igual à dos deuses aos olhos avança, a mãe do rei, rainha minha. Eu me curvo. E, com palavras acolhedoras, todos devem saudá-la.	135
εἴ τι μὴ δαίμων παλαιὸς νῦν μεθέστηκε στρατῶ. Ἄτοσσα ταῦτα δὴ λιπούσ' ἰκάνω χρυσεοστόλους δόμους καὶ τὸ Δαρείου τε κάμον κοινὸν εὐνατήριον. 160 κάμῃ καρδίαν ἀμύσσει φροντίς· ἐς δ' ὑμᾶς ἔρω μῦθον ουδαμῶς ἐμαυτῆς οὐς' ἀδείμαντος, φίλοι,	140	Oh prima dona das persas de cintura fina 155 – A velha mãe de Xerxes! – Salve, mulher de Dario! De um deus dos persas amante e naturalmente mãe de um deus Se uma divindade antiga agora não abandona o exército.	140
μη μέγας πλοῦτος κοίνισας οὐδὰς ἀντρέψη ποδὶ ὄλβον, ὃν Δαρείος ἦρεν οὐκ ἄνευ θεῶν τινος.	145	ATOSSA: Justo por essas coisas avanço, deixo moradas mui douradas e meu quarto comum com Dario. 160 E uma angústia me dilacera o coração. E a vós direi uma palavra: de modo algum eu mesma estou sem medo, amigos não revire a grande riqueza em terra pulverizando com os pés uma felicidade que Dario ergueu não sem algum deus!	145
ταῦτά μοι διπλῆ μέριμνα φραστός ἔστιν ἐν φρεσίν, μήτε χρημάτων ἀνάνδρων πλῆθος ἐν τιμῇ σέβειν μήτ' ἀχρημάτοισι λάμπειν φῶς ὅσον σθένος πάρα.	150	Por isso dupla e indizível inquietação há em meu peito, 165 nem dignamente riquezas sem guardas a multidão respeita,	150

ἔστι γὰρ πλούτος γ' ἀμεμφής, ἀμφὶ δ' ὀφθαλμῶ
 φόβος·
 ὅμμα γὰρ δόμων νομίζω δεσπότης παρουσίαν.
 πρὸς τὰδ' ὡς οὕτως ἐχόντων τῶνδε,
 σύμβουλοι λόγου 170
 τοῦδέ μοι γένεσθε, Πέρσαι, γηραλέα
 πιστώματα·
 πάντα γὰρ τὰ κέδν' ἐν ὑμῖν ἔστί μοι βουλευύματα.

Χορός
 εὖ τόδ' ἴσθι, γῆς ἄνασσα τῆσδε, μή σε δις φράσαι
 μήτ' ἔπος μήτ' ἔργον ὧν ἂν δύναμις ἠγεῖσθαι θέλῃ·
 εὐμενεῖς γὰρ ὄντας ἡμᾶς τῶνδε συμβούλους καλεῖς.

Ἄτοσσα
 πολλοῖς μὲν αἰεὶ νυκτέροις ὄνειρασιν
 ζύνεμι, ἀφ' οὐπὲρ παῖς ἔμος στείλας στρατὸν
 Ἰαόνων γῆν οἴχεται Πέρσαι θέλων·
 ἀλλ' οὐτι πῶ τοιούδ' ἐναργές εἰδόμην
 ὡς τῆς πάροιθεν εὐφρόνης· λέξω δέ σοι.
 ἔδοξάτην μοι δύο γυναῖκ' εὐεῖμονε,
 ἢ μὲν πέπλοισι Περσικοῖς ἠσκημένη,
 ἢ δ' αὐτὴ Δωρικοῖσιν, εἰς ὄψιν μολεῖν,
 μεγέθει τε τῶν νῦν ἐκπρεπεστάτα πολύ,
 κάλλει τ' ἀμώμω, καὶ κασιγνήτα γένους
 ταύτου· πάτραν δ' ἔνειον ἢ μὲν Ἑλλάδα
 κλήρω λαχοῦσα γαῖαν, ἢ δὲ βάρβαρον.

τούτῳ στάσιν τιν', ὡς ἐγὼ ἴδομαι ὄραν,
 τεύχειν ἐν ἀλλήλοισι· παῖς δ' ἔμος μαθῶν
 κατεῖχε κάπρᾶνεν, ἄρμασιν δ' ὑπο
 ζεύγυσιν αὐτῶ καὶ λέπαδν' ἐπ' αὐχένων
 τίθησι. χῆ μὲν τῆδ' ἐπυργούτο στολή
 ἐν ἡνίασί τ' εἶχεν εὐαρκτον στόμα,
 ἢ δ' ἐσφάδαζε, καὶ χεροῖν ἐντὴ δίφρου
 διασπαράσσει καὶ ξυναρπάζει βίαν
 ἀνευ χαλινῶν καὶ ζυγῶν θραύει μέσον.
 πίπτει δ' ἔμος παῖς, καὶ πατήρ παρίσταται
 Δαρειὸς οἰκτεῖραν σφε· τὸν δ' ὅπως ὄρα
 Ξέρξης, πέπλους ρήγυσσιν ἀμφὶ σώματι.
 καὶ ταῦτα μὲν δὴ νυκτὸς εἰσιδεῖν λέγω. 200
 ἐπεὶ δ' ἀνέστην καὶ χεροῖν καλλιρροῦ
 ἔψαυσα πηγῆς, σὺν θυπόλῳ χερὶ
 βωμὸν προσέστην, ἀποτρόποισι δαίμοσιν
 θέλουσα θῆσαι πέλανον, ὧν τέλη τὰδε.
 ὄρω δὲ φεύγοντ' αἰετὸν πρὸς ἐσχάραν 205
 Φοίβου· φόβω δ' ἀφθογγος ἐστάθη, φίλοι·
 μεθυστερον δὲ κίρκον εἰσορῶ δρόμῳ
 περὶ οἷς ἐφορμαίνοντα καὶ χηλαῖς κάρρα
 τίλλονθ'· ὁ δ' οὐδὲν ἄλλο γ' ἢ πηξῆας δέμας
 παρεῖχε. ταῦτ' ἐμοίγε δείματ' εἰσιδεῖν,
 ὑμῖν δ' ἀκούειν. εὖ γὰρ ἴστε, παῖς ἔμος
 πράξας μὲν εὖ θαυμαστὸς ἂν γένοιτ' ἀνὴρ,
 κακῶς δὲ πράξας, οὐχ ὑπεύθυνος πόλει,
 σωθεῖς δ' ὁμοίως τῆσδε κοιρανεῖ χθονός.

Χορός
 οὐ σε βουλόμεσθα, μήτηρ, οὐτ' ἄγαν φοβεῖν λόγοις
 οὔτε θαρσύνειν. θεοὺς δὲ προστροπαῖς ἰκνουμένη,
 εἴ τι φλαῦρον εἶδες, αἰτοῦ τῶνδ' ἀποτροπήν τελεῖν,

nem homens sem riquezas brilham conforme seu vigor.
 Pois existe uma riqueza intacta, e, em
 torno dos olhos, medo...
 – é que considero olho da casa a presença senhor.
 Diante disso, nessa situação,
 conselheiros de palavra, 170
 isso sede para mim, persas, velha garantia
 pois todo o bom conselho, para mim, em vós está.

CORO
 Isto bem sabes, soberana desta terra, tu não pedes duas
 vezes
 nem palavra, nem ação, de que, sendo capaz, deseje tomar
 frente
 para isso, nos chamas, a nós, os gentis conselheiros.175

ATOSSA
 Certamente, sempre, com muitos sonhos noturnos,
 convivo, desde quando meu filho preparado, com o exército,
 parte para a terra dos Jônios desejando saquear;
 mas... um assim... tão claro... ainda não vi
 como ontem, no doce momento. Direi a ti: 180
 pareceram, a mim, duas mulheres bem vestidas
 a avançar... para a vista... uma vestida à moda persa,
 a outra, ao contrário, dórica, no aspecto veio.
 Na grandeza, comparadas às de agora, muito maiores
 e também na beleza sem mancha, e ambas irmãs da mesma
 raça: mas, como pátria, habitava uma delas 186
 a terra grega obtida com sorte pelos deuses, a outra, a
 bárbara.

Ambas frente a frente, como julgo ter visto,
 a provocar uma a outra... mas... meu filho, percebendo,
 prevalecia e acalmava, e no carro 190
 subjugou-as e pôs correias nos
 pescoços. Uma se exaltava com o adereço,
 nas rédeas tinha mansa a boca,
 mas a outra se agitava, e com as mãos os arreios do carro
 despedaçava e o arrebatava pela força, 195
 sem os freios, também o jugo parte ao meio.
 Meu filho cai, e o pai se coloca ao lado,
 Dario sofre por ele... e assim que Xerxes
 o vê, as próprias vestes rasga ao redor do corpo.
 Essas coisas de fato digo ver de noite... 200
 Mas em seguida me levantei e as mãos lavei
 no belo fluxo da fonte, com mão sacrificial,
 do altar me aproximei, querendo oferecer
 libação – para deuses apotropeus – da que é pr'esse o fim.
 E vejo... fugindo... uma águia... para o altar 205
 de Apolo; apodera-se de mim o medo e emudeço, amigos!
 De repente, enxergo um falcão em corrida
 que se lança com as asas e com o bico arranca
 a cabeça; a águia... nada mais, senão, um corpo acuado...
 entrega. Horrível para eu própria ver isso, 210
 e para vós... ouvir. Pois bem sabes... meu filho
 bem-sucedido sendo, admirável homem seja!
 mas males sucedendo... não presta contas à cidade,
 está salvo e da mesma forma governará a terra.

CORO
 Não queremos, mãe, nem muito te amedrontar 215
 com palavras, nem encorajar. Aos deuses indo com súplicas,
 se algo sinistro viste, deles exige que se cumpra o
 esconjuro,

τὰ δ' ἀγάθ' ἐκτελῆ γενέσθαι σοί τε καὶ τέκνοις
σέθεν
καὶ πόλει φίλοις τε πᾶσι. δεύτερον δὲ χρῆ χραὸς

γῆ τε καὶ φθιτοῖς χέασθαι· πρευμενῶς δ' αἰτοῦ τάδε,
ὄσον πόσιν Δαρείου, ὄνπερ φῆς ἰδεῖν κατ' εὐφρόνην,
ἔσθλα σοὶ πέμπειν τέκνω τε γῆς ἐνερθεν ἐς φάος,

τᾶμπαλιν δὲ τῶνδε γαίᾳ κάτοχα μαυροῦσθαι σκότῳ.
ταῦτα θυμόμαντις ὦν σοὶ πρευμενῶς παρήγεσα.
εὐ δὲ πανταχῆ τελείν σοι τῶνδε κρίνομεν πέρι.

Ἄτοσσα
ἀλλὰ μὴν εὖνους γ' ὁ πρῶτος τῶνδ' ἐνυπνίων κριτῆς
παιδὶ καὶ δόμοις ἐμοῖσι τήνδ' ἐκύρωσας φάτιν.
ἐκτελοῖτο δὴ τὰ χρῆσά· ταῦτα δ', ὡς ἐφίεσαι,
πάντα θήσομεν θεοῖσι τοῖς τ' ἐνερθε γῆς φίλοις,
εὐτ' ἂν εἰς οἴκους μάλωμεν. κείνα δ' ἐκμαθεῖν θέλω,
ὧ φίλοι, ποῦ τὰς Ἀθήνας φασὶν ἰδρῦσθαι χθονός.

Χορός
τῆλε πρὸς δυσμαῖς ἄνακτος Ἡλίου φθινασμάτων.

Ἄτοσσα
ἀλλὰ μὴν ἴμειρ' ἐμὸς παῖς τήνδε θηρᾶσαι πόλιν;

Χορός
πᾶσα γὰρ γένοιτ' ἂν Ἑλλάς βασιλέως ὑπήκοος.

Ἄτοσσα
ὧδέ τις πάρεστιν αὐτοῖς ἀνδροπλήθεια στρατοῦ;

Χορός
καὶ στρατὸς τοιοῦτος, ἔρξας πολλὰ δὴ Μήδους
κακά.

Ἄτοσσα
καὶ τί πρὸς τούτοισιν ἄλλο; πλοῦτος ἔξαρκῆς
δόμοις;

Χορός
ἀργύρου πηγὴ τις αὐτοῖς ἐστί, θησαυρὸς χθονός.

Ἄτοσσα
πότερα γὰρ τοξουλκὸς αἰχμὴ διὰ χερσῶν αὐτοῖς
πρέπει;

Χορός
οὐδαμῶς· ἔγχη σταδαῖα καὶ φεράσπιδες 240
σαγαί.

Ἄτοσσα
τίς δὲ ποιμάνωρ ἔπεστι κάπιδεσπόζει στρατῶ;

Χορός
οὔτινος δούλοι κέκληνται φωτὸς οὐδ' ὑπήκοοι.

Ἄτοσσα
πῶς ἂν οὐν μένοιεν ἄνδρας πολεμίους ἐπήλυδας;

Χορός
ὥστε Δαρείου πολὺν τε καὶ καλὸν φθειραὶ στρατόν.

Ἄτοσσα

e que favores perfeitos a ti, a teus filhos,
à cidade e a todos os amigos sejam. Em seguida convém
libações
verter à Terra e aos mortos. Graciosamente exige isto 220

do teu marido Dario, que dizes ter visto em doce momento:
coisas propícias a ti e a teu filho enviar do subterrâneo para
a luz

e, o contrário, em terra, reter lá embaixo, nas trevas.
Sendo o peito um profeta, isto a ti, benevolente, recomendo.
Que venha, em toda parte, um bem acabar, estas coisas a ti
predico! 225

ATOSSA
Sim! Claro! Juiz bem disposto deste visões – o primeiro! –
com meu filho e com minhas moradas, deste a sentença!
Que se cumpram os deveres. E as coisas como desejas!
Tudo daremos aos deuses e aos queridos enterrados
assim que retornarmos para casa. Mas isto quero saber, 230
ó amigos, onde da terra dizem Atenas estar situada?

CORO
Longe, ao ocidente, pelos declínios do soberano Sol...

ATOSSA
Mas... então... meu filho desejava capturar a cidade?

CORO
Pois toda a Grécia poderia vir a ser sujeita ao rei.

ATOSSA
Ah... então há com eles um exército de muitos... 235

CORO
E tal exército muitos males fez aos Medos...

ATOSSA
E o que mais há para estes? Riqueza bastante... nas casas?

CORO
Veios de prata há para eles, tesouros da terra...

ATOSSA
Que, pois, lhes convém? Flecha atirada resplandece nas
mãos?

CORO
Não mesmo. Lança ereta e escudos equipados. 240

ATOSSA
Mas... quem é o pastor-comandante e governa no exército?

CORO
De ilustre nenhum são chamados servos, nem subalternos.

ATOSSA
Como então resistiram aos valentes combatentes
estrangeiros?

CORO
Disso é que eliminaram o numeroso exército de Dario.

ATOSSA

δεινά τοι λέγεις ἰόντων τοῖς τεκοῦσι
φροντίσαι.

Χορός
ἀλλ' ἔμοι δοκεῖν τάχ' εἶση πάντα νημερτῆ λόγον.

τοῦδε γάρ δραμήμα φωτὸς Περσικὸν πρέπει μαθεῖν,
καὶ φέρει σαφές τι πράγος ἔσθλον ἢ κακὸν κλύειν.

Ἄγγελος
ὦ γῆς ἀπάσης Ἀσιάδος πολίσματα,
ὦ Περσὶς αἶα καὶ πολὺς πλούτου λιμῆν, 250
ὡς ἐν μιᾷ πληγῇ κατέφθαρταὶ πολὺς
ὄλβος, τὸ Περσῶν δ' ἄνθος οἴχεται πεσόν.
ὦ μοι, κακὸν μὲν πρώτων ἀγγέλλειν κακά·
ὅμως δ' ἀνάγκη πᾶν ἀναπτύξαι πάθος,
Πέρσαι· στρατὸς γὰρ πᾶς ὄλωλε βαρβάρων.

Χορός
ἀνὶ ἄνια κακὰ
νεόκοτα καὶ δαί'. αἰαί,
δαίνεσθε, Πέρσαι,
τόδ' ἄχος κλυοντες.

Ἄγγελος
ὡς πάντα γ' ἔστ' ἐκείνα διαπεπραγμένα·
αὐτὸς δ' ἀέλπτως νόστιμον βλέπω φάος.

Χορός
ἦ μακροβίωτος
ὄδε γέ τις αἰῶν ἐφάνθη
γεραιοῖς, ἀκούειν
τόδε πῆμ' ἀελπτον. 265

Ἄγγελος
καὶ μὴν παρῶν γε κοῦ λόγους ἄλλων κλύων,
Πέρσαι, φράσαιμ' ἂν οἶ' ἐπορσύνθη κακά.

Χορός
ὄτοτοτοῖ, μάταν
τὰ πολλὰ βέλεα παμιγιῆ
γὰς ἀπ' Ἀσίδος ἦλθε δα
ἀν' ἐφ' Ἑλλάδα χάραν. 270

Ἄγγελος
πληθουσι νεκρῶν δυσπότηως ἐφθαρμένων
Σαλαμίνοσ ἀκταὶ πᾶς τε πρόσχωρος τόπος.

Χορός
ὄτοτοτοῖ, φίλων
ἀλίδονα μέλεα πολυβαφῆ 275
κατθανόντα λέγεις φέρε
σθαὶ πλάγκτ' ἐν διπλακεσσιν.

Ἄγγελος
οὐδὲν γὰρ ἦρκει τόξα, πᾶς δ' ἀπώλλυτο
στρατὸς δαμασθεῖς ναίοισιν ἐμβολαῖς

Χορός
ἴσ' ἀποτμον Πέρσαις
δυσαιανῆ βοᾶν
δαίσις, ὡς πάντα παγκάκως
ἐφθισαν· αἰαί στρατοῦ φθαρέντος.

Dizes coisas terríveis de pensar para os pais dos que
partiram

CORO
Mas me parece que logo saberás de tudo por uma honesta
palavra,
pois a corrida desta luz pérsica mostra-se clara de entender,
e traz algum fato evidente, mau ou bom de se ouvir...

MENSAGEIRO
Oh, vilas de toda terra asiática
oh, chão persa, limiar de muita riqueza, 250
como, num só golpe, foi despedaçada a muita
felicidade! Tombou, foi-se a flor dos persas!
Ai de mim! Desgraça! Primeiro anunciar desgraças...
E carece, igualmente, desembrulhar todo sofrimento!
Persas! Então, todo o exército dos bárbaros está acabado.

CORO
Horror! Horror! Notícia de dor
e terror! Ô! Ô!
Ao choro, povo persa,
pelo anúncio avassalador.

MENSAGEIRO
Assim mesmo que tudo aquilo se passou. 260
Eu mesmo, por acaso, vejo a luz do retorno.

CORO
De fato, uma vida comprida
Esta se revela
a velhos, ao escutarem
estes pesares inesperados. 265

MENSAGEIRO
Pois testemunha, não ouvinte de alheios,
persas, posso anunciar males praticados

CORO
ôôô! Em vão
as muitas armas misturadas
da terra da Ásia partiram... 270
pr' o chão hostil da Grécia.

MENSAGEIRO
enchem, miseravelmente, de cadáveres arruinados,
toda a costa de Salamina e lugares próximos.

CORO
ôôô, de amigos
corpos abatidos, afundando, a rolar pelo mar, 275
mortos... falas... a boiar
em suas longas saias errantes

MENSAGEIRO
Não resistiu o arco, inteiro sucumbiu
o exército, domado com chicotadas dos navios

CORO
Grita “infortunado”! Aos persas 280
um lamentoso brado!
Aos infelizes, tudo perversamente
os deuses apresentam. Ai! ai do exército destruído!

Ἄγγελος ὡς πλείστον ἔχθος ὄνομα Σαλαμίνοσ κλύειν. φεῦ, τῶν Ἀθηνῶν ὡς στένω μεμνημένος. 285	MENSAGEIRO Oh, nome mais odioso de escutar, Salamina! ô, como gemo quando de Atenas me lembro! 285
Χορός στυγαί γ' Ἀθᾶναι δᾶοις· μεμνησθαί τοι πάρα ὡς πολλὰς Περσίδων μάταν ἔκτισαν εὐνίδας ἠδ' ἀνάνδρους.	CORO Odiosa, para os miseráveis, sim, é Atenas! Lembrar, sim, é possível... de como muitas das persas, por nada, deixou viúvas e sem filhos...
Ἄτοσσα σιγῶ πάλα δύστηνος ἐκπεπληγμένη 290 κακοῖσ· ὑπερβάλλει γὰρ ἤδε συμφορὰ τὸ μῆτε λέξει μῆτ' ἐρωτῆσαι πάθη. ὅμως δ' ἀνάγκη πημονᾶσ βροτοῖσ φέρειν θεῶν διδόντων· πᾶν δ' ἀναπτύξασ πάθος λέξον καταστάσ, κεί στένεισ κακοῖσ ὅμως. 295 τίσ οὐ τέθηκε, τίνα δὲ καὶ πενήσομεν τῶν ἀρχελείων, ὅσ' ἐπὶ σκηπτουχία ταχθεῖσ ἀνανδρον τάξιν ἠρήμου θανῶν;	ATOSSA Guardo há muito o silêncio, miserável abatida 290 por males. Tal desastre supera o falar e o perguntar sobre os sofrimentos. Pois então que os mortais suportem as aflições pelos deuses dadas; abrindo todo o sofrimento, diga-o gota-a-gota, se assim gemes pelos males. 295 Diga qual dos chefes não está morto, por qual choraremos, quem, na posse do cetro, abandona pela morte seu posto, sua tropa sem senhor
Ἄγγελος Ξέρξης μὲν αὐτὸσ ζῆ τε καὶ βλέπει φάοσ.	MENSAGEIRO Xerxes, ele vive e vê a luz.

Assim a Trupersa buscou, ao traduzir os primeiros trezentos versos de *Persas*, manter-se na fronteira de métodos, linha tênue entre a tradução erudita e a explicada: nem as palavras foram perfeitamente traduzidas (não buscamos correspondências exatas mas desconhecidas pela maioria do público), nem versos alongados para traduzir uma metáfora, manifesta muitas vezes em apenas uma palavra, um ritmo, uma expressão sonora, um gesto. Tarefa muito difícil! Seguimos o texto, as regras sintáticas, morfológicas e filológicas e a intuição de uma atriz.

Escolhemos como ofício dizer o indizível com todas as ferramentas que a cena teatral permitisse e, para tanto, estudamos não somente a estrutura da tragédia esquiliana, seus antecedentes, seu momento histórico, mas o entorno da palavra em ação. Procuramos entender o que o autor quis realizar, fazer em cena, fazer para os olhos e os ouvidos. Peremptório para nós foi tomar o texto encarnado. “Vimos” nele a coreografia, a música, o aceno. Um exemplo da modernidade pode ser elucidativo. O *Manual mínimo do ator*, de Dario Fo – ator, encenador e dramaturgo – registra uma experiência do autor ao assistir *Macbeth*, protagonizado por um outro grande ator e amigo. Dario, como ótimo profissional que é, observou diversas ações do seu colega que traduziam várias metáforas do texto, uma delas, a postura curvada ao contracenar com Lady Macbeth e que demonstrava o poder da rainha sobre ele no papel de Macbeth. Cumprimentando o amigo no camarim, Dario aponta vários momentos de sua

atuação, vibrando com a interpretação que acabara de assistir. Porém, quando terminou, o ator perguntou estupefato:

- Eu faço isso? Quando? Eu não faço isso, não tive essa intenção. O diretor da peça, ouvindo a conversa, interpelou Dario:
- Eu te mato, Dario. (...) Você revelou-lhe o que ele estava fazendo. Amanhã ele não vai conseguir dizer mais nenhuma palavra com sentido lógico!¹⁷

Por tal motivo, na tradução aqui apresentada, deixamos-nos guiar por uma aluna que não dominava o grego, mas que, como atriz, saboreava sons e imagens. Uma atriz que, ouvindo traduções diferentes, explicações teóricas e linguísticas e, junto com elas o som do verso grego (principalmente em versos cuja sonoridade era a própria metáfora), interferisse no processo tradutório coletivo e encenasse para os tradutores cada frase. Deste modo, o efeito almejado, a cena, era corroborado (e checado) por outras ferramentas: a voz com suas notas variadas e modulações, o olhar, o movimento corporal e de deslocamento, a respiração e as pausas. E se, em algumas vezes, durante o processo, com a leitura do verso, as palavras não agradavam à equipe, tudo era repensado. Acrescentava-se um gesto, mudava-se o ritmo e as variações da voz na interpretação e, se preciso, mudava-se a tradução. A impressão causada era outra: mais clara, poética, viva, sem alongar ou intelectualizar a fala, mantendo sua “linguagem elevada” preconizada por Aristóteles.

Tentamos isentar a tragédia de suas muitas camadas aristocráticas a fim de recuperar aquelas estéticas, semânticas e culturais. Encenamos e alcançamos evitar um espetáculo enfadonho porque longo, ou porque ininteligível. Ainda era necessário submeter a provas a tradução, que foi apresentada a especialistas e leigos em espetáculo teatral e teve boa acolhida.

Fomos atentos também com o que devia permanecer obscuro: os nomes estranhos de reis e comandantes persas, Amístres, Artafanes, Megabates, Astapes, Artembares, Masistres, Imeu, Farandaques e outros mais. Inusitados, aparentemente grandiosos, mas, ironicamente definidos por Ésquilo como “reis vigias, submissos ao rei”, os nomes mantidos e treinados para a fala foram um teste imposto por Ésquilo. O conhecimento de que se trata de uma representação da Guerra de Salamina através das

vozes dos vencidos, os persas, para o público vitorioso, os gregos, foi de grande valia. Carregamos o tom e permaneceu a ironia requintada cheia de imagens (até mesmo grotescas) criadas, porém, por metáforas brilhantes, afinal estamos falando de Ésquilo.

Podemos concluir que, para montar uma tragédia, com atores que desconhecem a língua grega, o método da tradução coletiva e sua experimentação como palavra pronunciada e realizada é eficaz. Acreditamos que, assim, a tragédia possa sair dos muros da academia e chegue até ao público comum, como na Ática do séc. V a.C.

Referências

AESCHYLUS. *Aeschyli tragoediae. Persae*. Edited by G. Murray. Oxford: Clarendon Press, 1955, p. 53-95.

AESCHYLUS. *Persae*. In: <http://el.wikisource.org/wiki/%CE%A0%CE%AD%CF%81%CF%83%CE%B5%CF%82> (acessado em 19/07/09, às 11:47h).

AESCHYLUS. *Persae*. In: <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0011> (acessado em 23/07/09, às 10:55h).

ARAÚJO, A. R. G.; LEANDRO, M. C. X.; BARBOSA, T. V. R. As dificuldades de traduzir para teatro: o prólogo das Eumênides de Ésquilo. *Cadernos de tradução*. PGET-UFSC, Florianópolis, vol. II, n. 20, p. 101-124, 2007.

ARISTÓTELES. *História dos animais, I*. Tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: INCM, 2006.

BORGES, J.-L. A metáfora. In: Mihailescu, C.-A. (org.). *Esse ofício do verso*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 29-49.

de CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. (org.). *Metalinguagem & outras metas. Ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 31-48.

ÉSQUILO. *Persas*. Tradução de Manuel de Oliveira Pulquério. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.

_____. *Os persas*. Tradução de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

¹⁷ Fo, D. *Manual mínimo do ator*. Tradução de Luca Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: SENAC, 1998, p. 103-104.

_____. *Os persas*. Tradução de Jaa Torrano. *Letras Clássicas*. São Paulo, n. 6, p. 197-228, 2002.

FO, D. *Manual mínimo do ator*. Tradução de Luca Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: SENAC, 1998.

GOETSCH, S. Playing against the text. “Les Atrides” and the history of reading Aeschylus. *TRD* (1988-). New York, vol. XXXVIII, n. 3, autumn, p. 75-95, 1994 (in: <http://www.jstor.org/stable/1146381> - acessado em 23/07/09, às 11:55h).

LARANJEIRA, M. *Poética da tradução. Do sentido à significância*. São Paulo: Edusp, 2003.

de OLIVEIRA, F. R. Duas ou três coisas sobre mitos e história: “Os Persas” de Ésquilo. *Letras Clássicas*. São Paulo, n. 6, p. 37-53, 2002.

POUND, Ezra. *ABC of Reading*. London: Faber & Faber, 1991, p. 43.

SILVA, M. de F. A arte de construir o sucesso. Persas e Gregos em Salamina. *Studia philologica Valentina*. Valência, vol. IX, p. 111-130, 2006.

TORRANO, J. A. A. Mito e política na tragédia “Persas” de Ésquilo. *Letras Clássicas*. São Paulo, n. 6, p. 25-35, 2002.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução. Por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 2002.